

EDUCAÇÃO PARA A FELICIDADE EM ARISTÓTELES

Gustavo Henrique Rondis Cruvinel^{*}

Filipe Gomes de Freitas^{**}

André Felipe Belmório^{***}

Tobias Zeni Grando^{****}

Resumo: O presente trabalho tem a finalidade de avaliar o processo de construção de um indivíduo capaz de se tornar virtuoso, cujo processo está, segundo Aristóteles, através do hábito. Aristóteles ao dar início a *Ética a Nicômaco*, nos diz que todas as nossas ações se convergem para um fim, seguindo a sua narrativa Aristóteles nos coloca a par dos processos que desencadeiam em um homem bom e virtuoso. Neste caso é de fundamental importância o esclarecimento do sentido de virtude. Ser virtuoso nos leva a uma vida feliz, felicidade esta que é caracterizada como o sumo bem. Ao longo do processo de construção do trabalho, há o desenvolvimento dos seguintes temas, que perpassa toda ética aristotélica, sendo estes, a felicidade e o bem supremo, a natureza da virtude, a formação do caráter virtuoso e o justo meio que conduz a excelência moral.

Palavra-chave: Ética. Virtude. Felicidade. Educação.

Introdução

A ética Aristotélica está organizada em três obras: *Grande Ética*, *Ética a Eudemo* e *Ética a Nicômaco*, sendo esta última a mais completa. Nela Aristóteles¹ procura definir o que seria a felicidade e quais os componentes que envolvem a sua realização.

^{*} Acadêmico do 3º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: gurondis@hotmail.com

^{**} Acadêmico do 3º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: filipe.sh.freitas@gmail.com

^{***} Acadêmico do 3º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: andrefelipe_f42@hotmail.com

^{****} Acadêmico do 3º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: tobiasgrando@gmail.com

¹ Aristóteles nasceu em Stágiros (posteriormente Stágira, atualmente Stavra), na Calcídice, território macedônio, em 384 a. C., e morreu em Cádis (atual Evripo), na Eubéia, em 322. Seu pai era Nicômacos, médico e amigo de Amintos II, rei da Macedônia. É provável que Aristóteles tenha vivido parte de sua infância em Pela, sede da corte dos reis macedônios, e que tenha herdado de seu pai o interesse pelas ciências naturais, constante em sua obra (ARISTÓTELES, 1992, p.7).

Segundo ele, o exercício constante da virtude é o que leva a uma vida boa, ou seja, à felicidade, e cabe à educação ética proporcionar as condições necessárias para o indivíduo viver bem. A felicidade é uma atividade da alma, e tem como essência a virtude, em outras palavras, a excelência moral. Portanto, para se alcançar a felicidade é preciso educar a alma para a virtude perfeita.

Procuraremos entender o que é a felicidade para Aristóteles, e porque ela é uma atividade da alma e de que maneira seria ela provinda de uma educação virtuosa. Para isso, se faz necessário, compreender o que é virtude, e o que define uma ação como boa, sendo que a escolha do meio-termo sempre estará submetida ao indivíduo, e ainda, se basta ser virtuoso para alcançar uma vida feliz.

1 Felicidade e Bem supremo

Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem (ARISTÓTELES, 1991, p. 5).

Percebemos que o homem sempre está em busca de algo; quer alcançar determinada meta. Sendo assim, sempre que o homem realiza uma ação, a mesma tem um objetivo, um fim. Ora, este fim é caracterizado por Aristóteles como sendo um bem, dado que ninguém busca para si o mal, pelo contrário, o indivíduo está em constante busca de realização. Percebe-se ainda, com relação aos fins, que: “[...] alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades que os produzem. Onde existem fins distintos das ações, são eles por natureza mais excelente do que estas”. (Aristóteles. 1991. P.5).

Em outras palavras, Aristóteles considera que há fins que são por si mesmo desejados, e outros que são desejados apenas como meios para se chegar ao bem que é por si mesmo almejado. E diz ainda que naturalmente os fins desejados por si mesmos, e não apenas como meios para outros, são os mais excelentes.

Nosso filósofo trabalha, em sua obra, a cerca dos fins e dos meios através dos quais conseguiremos chegar ao fim desejado. Faz-se necessário definir o fim ao qual queremos chegar, e a partir daí buscarmos os meios mais seguros para alcançar tal fim. Por tanto, faz-se necessário um fim último – pelo qual todas as ações, ou em vista do qual tudo se deseja – visto que, se todos os fins fossem intermediários de outros, a investigação seria levada até o infinito, o que é impossível, além de inutilizar a nossa pesquisa.

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; e se é verdade que nem toda coisa desejamos com vistas em outra (porque, então, o processo se repetiria ao infinito, e inútil e vão seria o nosso desejar), evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem (ARISTÓTELES, 199, p. 5-6).

Todos os homens buscam a satisfação plena da sua vida, ou seja, a felicidade. Isso significa dizer que todas as ações humanas tendem para a vida boa. O que Aristóteles propõe aqui é que exista um bem supremo – que se encerra e é desejado em si mesmo, e não tendo em vista outro fim – para o qual convergem todas as ações humanas. Este bem supremo é a felicidade. Deveras, é em vista desta plena realização que o homem realiza todas as outras coisas. Sendo assim, a felicidade é aquilo que traz plenitude ao homem.

Podemos dizer que algo alcança sua plenitude à medida que desempenha bem o propósito para o qual foi feito. Portanto, para o ser humano ser feliz, é fundamental que exerça com perfeição a função para a qual existe. Mas qual seria a função propriamente humana?

2 A natureza da virtude

Se a felicidade consiste em viver virtuosamente, é preciso descobrir qual é a natureza da virtude, pois a partir disto, conseguiremos também encontrar em que consiste a felicidade. Para Aristóteles, a alma² do homem está dividida em duas partes, uma racional e outra irracional, ambas subdividindo-se em outras duas partes. A parte irracional divide-se em vegetativa e sensitiva. A vegetativa age de forma involuntária e é a responsável pela nutrição e crescimento do ser humano. Já a parte sensitiva da alma, a dos desejos, sensações e emoções, esta submetida à razão.

Conforme a divisão da alma divide-se também as virtudes em: intelectuais e morais. As intelectuais, que são as virtudes ligadas à alma racional são aquelas geradas através do ensino e da experiência, ou seja, a sabedoria, a prudência, etc. Por isso, para Aristóteles, o papel do educador é de fundamental importância para o desenvolvimento dessas virtudes. As virtudes morais, por outro lado, estão ligadas à parte da alma irracional chamada sensitiva,

² Aristóteles entende a alma, como sendo o princípio e causa da vida. “A alma é um conjunto de faculdades. As faculdades, pelo menos aquelas distintivas das pessoas, são capacidades para captar objetos. A visão capta cores, o olfato odores, o ouvido os sons e a mente capta os universais” (CAMBRIDGE, 2006, p. 46).

mas submetidas à razão. Estas virtudes – coragem, generosidade, justiça, etc. – são resultados de um hábito constante.

A alma, para o nosso filósofo, manifesta três fenômenos. As paixões e emoções, que são os sentimentos propriamente ditos; as faculdades, que são justamente as capacidades de sentir as emoções; e o estado habitual, que é o estado de caráter que o indivíduo tem diante destas emoções.

Sabendo que a virtude é algo, através do qual podemos ser avaliados como bons ou maus, visto que ela é o resultado de uma escolha deliberada, ela não pode estar ligada nem as paixões e nem as faculdades, visto que o primeiro caso não é resultado de uma escolha, mas um ato involuntário, e as segundas são intrínsecas à natureza humana.

Sendo a racionalidade aquilo que diferencia o homem dos outros seres vivos, e o agir virtuosamente o que o torna bom, aquilo que o levará à plena realização de sua natureza – e por tanto, fazê-lo feliz, é o agir virtuosamente conforme a racionalidade, pois:

... O que difere a virtude moral forjada pelo hábito, da virtude moral criada pelo hábito e guiada pela sabedoria prática, é que no primeiro caso as ações são automaticamente realizadas de acordo com aquilo que deve ser feito (costume), enquanto que no segundo o sujeito age moralmente através da *fronésis*³ que delibera ou discerne a partir de razões (argumentos) (ALVES, 2014, p.101).

Agindo virtuosamente o homem se diferencia em meio social, se torna capaz de se voltar para o outro e busca seguir o seu único principal fim, a felicidade. Nesse sentido, o homem capaz de seguir agindo virtuosamente tende a deliberar sobre os seus atos e decidir com maior certeza os seus atos.

3 A formação do caráter virtuoso

Quando falamos da virtude como uma disposição de caráter, é preciso que tenhamos em mente que ela é o resultado de uma prática constante de boas ações, que acabam por se tornar um hábito. Diante da possibilidade de um ciclo vicioso, surge então a seguinte pergunta: Somos virtuosos porque praticamos ações virtuosas, ou praticamos ações virtuosas por que somos virtuosos?

³ Em geral, a disciplina racional das atividades humanas: comportamento racional em todos os domínios ou virtude de determinar o que é bom e o que é mau para o homem. Aristóteles utiliza esse termo como sabedoria prática, um esforço de reflexão, uma ciência que não se limita ao *conhecimento*, dado que pretende melhorar a ação do homem (ABBAGNANO, 2014, p. 1021).

Para Aristóteles, é de fundamental importância que a criança, desde seus primeiros anos da infância, deve ser educada para a virtude moral, mesmo que ainda não entenda o motivo pelo qual age virtuosamente, pois é com o tempo que se dá o entendimento das coisas. Este estado de caráter virtuoso, forma no homem uma segunda natureza que é cultivada pela prática de bons hábitos. É esse estado de caráter que faz o homem ser virtuoso, agir bem, e exercer bem o seu função.

Porém, juntamente com as virtudes morais, é de suma importância que o sujeito busque também desenvolver as virtudes intelectuais. Por isso é imprescindível o papel da educação intelectual, visto que:

...a virtude ligada à parte irracional, que diz respeito à moralidade (virtudes do caráter), está submetida à parte racional que ordena e estabelece o que deve ser feito. Isto significa que a parte irracional não é autônoma, mas está em relação com a parte racional. Disso, pode-se concluir que a virtude moral precisa estar imbuída por um princípio racional que consiste na *frónesis* (virtude da parte calculadora da razão) (ALVES, 2014, p.100).

4 O justo meio que conduz a excelência moral

Tendo visto que a felicidade depende da formação de um caráter virtuoso guiado pela razão, vejamos agora quais os parâmetros para se alcançar a virtude.

Ora, a virtude diz respeito às paixões e ações em que o excesso é uma forma de erro, assim como a carência, ao passo que o meio-termo é uma forma de acerto digna de louvor; e acertar e ser louvada são características da virtude. Em conclusão, a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo (ARISTÓTELES, 1991, p. 38).

Então, a virtude é um meio-termo entre dois vícios, sendo um a falta e o outro o excesso do mesmo. É através da reta razão, e conforme a situação vivida, que o homem deve buscar sempre a mediana, que é também um extremo, por não aceitar meio-termo de si mesma. A mediana é, portanto, o cume da ação, a sua excelência, que não peca nem por falta, nem por excesso.

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo (Aristóteles, 1991, P.38)

Sendo a ética aristotélica fundamentalmente baseada na vida na polis, sempre será pautada no homem sensato e prudente, que age conforme a reta razão, tendo como aliadas as experiências e a tradição, e em favor do bem comum, que deve ser tomado como modelo para os demais. Então, em última análise, o bem comum é o fator determinante para a escolha da ação do homem sábio, segundo a reta razão.

Conclusão

Tanto as virtudes intelectuais como as morais são essenciais para a felicidade. Isso implica dizer que, para ser feliz, não basta ser moralmente virtuoso, se não houver a busca pela educação intelectual e a contemplação. O estado contemplativo, por aproximar-se mais do plano divino é o mais excelente, e este é exercitado pela aprendizagem através da educação e das experiências. Portanto, é indispensável, além de viver, saber viver. Educar-se intelectualmente permite-nos refletir e não somente viver como seres condicionados ao hábito. Isto significa dizer que a educação intelectual, aliada ao um caráter firme formado, nos ajuda na deliberação e escolha da mediana, e a partir disso uma sabedoria prática, um bem agir, que conduz a felicidade.

A formação do homem perpassa por toda a sua vida, segundo Aristóteles, a vida feliz passa pela formação virtuosa voltada para excelência moral. Para se tornar um homem feliz, os caminhos estão dados, basta seguir, e seguir, indica hábito, constâncias em ações diárias em busca do fim. Toda essa teoria requer sacrifício e determinação, pois não basta somente conhecer o que deve ser feito, mas sim se deve agir, colocar em prática todas as ações que perpassa pela excelência moral.

A educação ética, proposta por Aristóteles, é viva e continua sempre atualizada, nos dando uma possibilidade de nos conduzirmos ao bem supremo, nos dá um norte; que visa o transcendente, este capaz de nos elevar e nos tornar pessoas capazes de convivência, harmoniosa.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Traduzido por Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ALVES, Marcos Alexandre. Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles. In: **Acta Scientiarum**, Maringá, V.36, nº1, p. 93-104, jan.-jun., 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Traduzido por Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: Editora-UNB, 1992

CAMBRIDGE. **Dicionário de filosofia**/ dirigido por Robert Audi, Tradução João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006.